

O MENINO QUE ESPIAVA PRA DENTRO: ESPIANDO O JOGO ENTRE O CLÁSSICO E O CONTEMPORÂNEO

Elesa Vanessa Kaiser da Silva *

RESUMO: O contato, desde cedo, com a Literatura Infantil permite à criança desfrutar de uma inesgotável fonte de conhecimento e magia, pois, através dos livros, ela passa a conhecer um universo que pode ser distante e ao mesmo tempo próximo de sua realidade. Tendo em vista que muitas obras contemporâneas dialogam com as clássicas, pretende-se, neste estudo, investigar como acontece a intertextualidade entre o conto contemporâneo: O menino que espiava pra dentro (2008) de Ana Maria Machado, com os contos A Bela Adormecida e Branca de Neve, dos Irmãos Grimm. Como suporte teórico foram consultadas obras de Machado (2002), Sant’Anna (1937), entre outros.

PALAVRAS-CHAVE: Contos de fadas; Literatura Infantil contemporânea; intertextualidade.

SUMMARY: The contact, since an early age, with Children’s Literature allow to the children enjoy an unstoppable knowledge and magic fountain, the children begin to understand the universe through the books, that can be as far but as near your reality, at the same time. In view of that lots of contemporary books dialogue with the classic ones, it is intended in this study, inquire how happens the intertextuality between the contemporary tale: O menino que espiava pra dentro (2008) by Ana Maria Machado, with the tales Sleeping Beauty and Snow White by Brothers Grimm. As a technical support were consulted works of Machado (2002), Sant’Anna (1937), among others.

KEYWORDS: Fairy tales; Children’s contemporary Literature; intertextuality.

INTRODUÇÃO

Embora, a princípio, não fossem destinados especialmente às crianças, ao longo do tempo os contos de fadas foram conquistando espaço na Literatura Infantil. Contemporaneamente, estes destacam-se através de inúmeras releituras. Além disso, vários estudos apresentam as contribuições dos mesmos para a formação de leitores, sobretudo por tratarem de temas atemporais que possibilitam a vivência de experiências. Tais contribuições são evidenciadas, por exemplo, na obra *A psicanálise dos contos de fadas* de Bettelheim (1980, p. 27): “Os contos de fadas enriquecem a vida da criança e dão-lhe uma dimensão encantada exatamente porque ela não sabe absolutamente como as histórias puseram a funcionar seu encantamento sobre ela”. (p. 27).

Ribeiro (2012), em *O reconto dos contos da oralidade: permanências e mudanças no gênero* destaca sobre os contos de fadas clássicos e, sobretudo da produção de obras infantis contemporâneas. Nesse sentido afirmam que “As histórias repetem-se e se revestem, ao longo do tempo, com novas roupagens, mantendo duas características intrínsecas: a ficcionalidade e a oralidade. (RIBEIRO, 2012, p. 217).

Considerando o grande número de releituras dos contos clássicos, o presente artigo apresenta um estudo referente ao texto *O menino que espiava pra dentro* (2008) de Ana Maria Machado (obra inclusa no acervo do Programa Biblioteca da Escola – PNBE, do ano 2012), apontando como a autora brasileira promove um diálogo com as obras *A Bela Adormecida e Branca de Neve*, dos Irmãos Grimm.

CONTOS DE FADAS NA LITERATURA INFANTIL CONTEMPORÂNEA

Ao se estudar sobre contos de fadas, nota-se a grande repercussão que eles tiveram entre leitores de várias idades, seja através de textos clássicos, seja através de releituras, adaptações, recontos. Na literatura infantojuvenil brasileira contemporânea, eles estão presentes de inúmeras maneiras, garantindo um lugar especial dentre os preferidos dos pequenos leitores.

Darnton (2011), em *Histórias que os camponeses contam: o significado de Mamã Ganso*, ao abordar sobre o contexto histórico dos contos de fadas, enfatiza que:

Os contos de fadas constituíram, durante toda a Idade Média e Moderna, a literatura popular oral das populações européias em geral. A partir do século XVII, essas narrativas foram sendo reunidas e recontadas por escritores, que lhes deram um estilo mais elegante e as “traduziram” da tradição popular para como as conhecemos hoje. (DARNTON, 2011, p.09)

Ana Maria Machado (2002), em *Como e porque ler os clássicos universais desde cedo*, fala sobre a importância do contato com os clássicos em geral, e destaca que:

Entendidas e aceitas em sua linguagem simbólica, essas histórias de fadas tradicionais se revelam um precioso acervo de experiências emocionais, de contatos com vidas diferentes e de reiteração da confiança em si mesmo. No final o pequenino se dá bem e o fraco vence. A criança pode ficar tranquila - com ela há de acontecer o mesmo. Um depois do outro, esses contos vão garantindo que o

processo de amadurecimento existe, que é possível ter esperança em dias melhores e confiar no futuro. (MACHADO, 2002, p. 80)

Personagens de contos de fadas clássicos estão presentes, também, em comerciais, filmes, desenhos animados, revistas, contos, poemas, brinquedos, fantasias (roupas e adereços), enfim, apresentam-se no contexto atual revestidos com características e/ou comportamentos modernos.

Na literatura contemporânea é possível verificar que muitas obras dialogam com as clássicas, seja através da paródia ou intertextualidade. Nesse sentido, fica clara a importância da leitura dos clássicos, pois, somente assim, as narrativas contemporâneas terão maior sentido.

Sant'Anna (1937), em *Paródia, Paráfrase & Cia*, cita como exemplo Manuel Bandeira, considerando-o um leitor de clássicos que utiliza a intertextualidade em seus poemas. Do mesmo modo, ocorre na literatura voltada para o público infantil, quando um autor dialoga com textos de outros.

De acordo com Sant'Anna (1937), a intertextualidade acontece quando há uma referência explícita ou implícita de um texto em outro. Não somente em textos, mas também em músicas, pinturas, filmes, novelas etc. Ou seja, toda vez que uma obra faz alusão à outra ocorre a intertextualidade. Nesse sentido, ela pode ocorrer de duas formas: paráfrase (afirmando as mesmas ideias) ou paródia (contestando-as).

No caso de *O menino que espiava pra dentro* (2008), Ana Maria Machado apresenta uma narrativa contemporânea que dialoga com os contos de fadas clássicos. De acordo com Olmi (2008), em *Renovando a tradição pelos caminhos da intertextualidade*:

De qualquer maneira, o conto de fadas não é apenas uma fonte privilegiada de estudos, mas também um ponto de partida para ulteriores reflexões, para cada vez mais novos tipos de “contos” que invadem nossa literatura e procuram penetrar, de forma cada vez mais convincente, na mente do leitor, seja ele criança ou adulto. (OLMI, 2008, p.08)

Levando em consideração a intertextualidade (com contos de fadas) na literatura infantil, a escritora Ana Maria Machado (2002, p. 81) destaca que: “Como esses contos tradicionais são os clássicos infantis mais difundidos e conhecidos, a gente sabe que pode se referir a eles e piscar o olho para o leitor, porque ele conhece o universo de que estamos falando”.

Nesse sentido, cabe destacar a importância dos conhecimentos prévios (leitura) dos textos clássicos para que o leitor identifique o diálogo entre esses e as produções contemporâneas. De acordo com Cardoso e Silva, em *Um papo de aranha sobre textos e leituras: a escola brasileira ensina a ‘língua da intertextualidade’?*, a intertextualidade:

Diz respeito aos fatores que tornam a utilização de um texto dependente do conhecimento de um ou mais textos previamente existentes, compreendendo as diversas maneiras pelas quais a produção e a recepção de dado texto depende do conhecimento de outros textos. (CARDOSO; SILVA *apud* CHAMLIAN 2011, p. 277).

Levando em consideração tais pressupostos, é importante analisar como se dá o diálogo da obra contemporânea com a clássica, observando também a representação dos personagens e/ou a desconstrução de estereótipos. Ao recuperar os contos clássicos, a literatura contemporânea os valoriza pois, só a partir da leitura daqueles, o leitor conseguirá ler de forma mais profunda as inúmeras releituras disponíveis.

O MENINO QUE ESPIAVA PRA DENTRO: INTERTEXTUALIDADE E VALORIZAÇÃO DO CLÁSSICO

A capa do livro *O menino que espiava pra dentro* (2. ed. Editora Global, 2008) convida o leitor a identificar-se com a personagem protagonista, pois, construída de forma semelhante a uma máscara, na capa a criança poderá espiar para dentro dos dois buracinhos (dos olhos) do rosto de Lucas.

Sendo um menino muito observador, o personagem Lucas, por vezes, apresentava-se distraído; quando ficava olhando para alguma coisa acabava por nem responder quando alguém lhe chamava: “Nessas horas, a avó de Lucas costuma dizer: - Ele está espiando pra dentro”. (MACHADO, 2008, p.09)

“Espiar pra dentro”, na obra, metaforiza o ato de imaginar, sonhar ou fantasiar. É o que o personagem fazia, além de sonhar como ocorre com todas as pessoas, acontecia que: “outras vezes, mesmo de dia, mesmo acordado, mesmo de olhos abertos (ou fechados, tanto faz), ele espia pra dentro. E aí vê coisas que muita gente não consegue ver” (MACHADO, 2008, p.09).

Debaixo da mesa, na rede, por baixo das cobertas na cama de seus pais ou na réstia de sol da janela ele fantasiava aventuras incríveis, vivenciava momentos agradáveis:

Se ele senta na rede da varanda, encolhe as pernas, balança um pouco e espia pra dentro... Está enfrentando as ondas do mar agitado, em um veleiro que sobe e desce vencendo a tempestade, chegando a ilhas desertas ou lutando contra piratas em abordagens perigosíssimas e cheias de emoção. (MACHADO, 2008, p. 13)

Lucas tinha um amigo imaginário que se chamava Talento, mas gostava de chamá-lo de Tatá. Certo dia pensou em um plano, e resolveu revelar ao seu amigo:

- Ando com vontade de vir ficar para sempre aqui com você.

Tatá coçou a cabeça, sorriu, bocejou, e ganhou tempo, repetindo:

- Para sempre?

Lucas logo confirmou:

- Para sempre. Feliz para sempre. Que nem nas histórias. Aqui é que eu faço tudo o que eu quero. (MACHADO, 2008, p. 18)

O amigo imaginário pondera que “para sempre” seria demais. O menino concorda: “É... passar o resto da vida espiando pra dentro pode não ser uma boa. Mas eu podia fazer isso, digamos, durante uns cem anos. Feito a *Bela Adormecida*” (MACHADO, 2008, p. 18).

Ao mencionar uma das princesas mais conhecidas dos contos de fadas, a história apresenta intertextualidade com o conto clássico *A Bela Adormecida*, pois, no conto contemporâneo, Lucas revela o desejo de adormecer de forma semelhante à *Bela Adormecida*:

- Isso mesmo. Acho que é o melhor jeito. Assim o pessoal todo também fica dormindo lá fora, na minha casa, na escola, no mundo, em todo canto. Eu não perco nada do que está acontecendo lá, porque não vai acontecer nada mesmo. Enquanto isso, eu espio pra dentro e venho para cá. (MACHADO, 2008, p. 19)

Ao invés de espetar o dedo em um fuso (como aconteceu no conto clássico), Lucas decide utilizar uma maçã para encantar-se: “- É que já que eu não posso ser o Belo Adormecido, vou ser o Branco de Neve”. (MACHADO, 2008, p. 21). Assim, a intertextualidade acontece com um segundo conto de fadas clássico: *Branca de Neve*.

Lucas então deseja comer uma maçã para engasgar-se, ficando assim, muitos anos espiando pra dentro até que alguém lhe dê um beijo e quebre o encanto. Seu amigo imaginário ironiza: “- Queimado de sol desse jeito, vai ser é o Moreno da Praia. Você não prefere ser o Mouro Torto? Ou então a gente dá um jeito de transformar você num Príncipe Sapo...” (MACHADO, 2008, p. 21).

A intenção de Lucas era engasgar-se com uma maçã e posteriormente ser despertado com um beijo, conforme uma das versões do conto de fadas clássico, no qual, após o príncipe encantar-se com a beleza de Branca de Neve, dá-lhe um beijo que a desperta.

Ao anoitecer, o menino coloca seu plano em prática. A história descreve a viagem que Lucas faz (por meio de um sonho) até que tudo havia ficado escuro. Se, no conto clássico, Branca de Neve é despertada

por um príncipe, no contemporâneo a mãe de Lucas assume esse mesmo papel:

De repente, um beijo, um abraço, os olhos de abrindo, a luz brilhando no espaço.

–Você é uma princesa?

A mãe riu:

– Ainda está dormindo, meu filho? Ande, acorde que está na hora de ir para a aula, chega de tanto sonhar. (MACHADO, 2008, p. 27-28)

Nesse mesmo dia, para sua alegria, Lucas recebe a notícia de que ganhara um cachorrinho de estimação. Para a surpresa da mãe, dá a ele o nome de Talento ou Tamanco, que poderia também chamar de Tatá (nomes do amigo imaginário). O animalzinho passa a ser seu companheiro para “espionar pra dentro”, ou seja, uma companhia para vivenciar aventuras de sua imaginação.

Indo para a escola: “Saiu correndo para ir com os amigos embora, explorar as cavernas do mundo lá fora. Olhar bem para tudo, viver de verdade, para o mundo de dentro ter mais variedade”. (MACHADO, 2008, p. 28). Nota-se que a partir do momento em que o personagem tem uma companhia, é capaz de vivenciar as aventuras no mundo real, ou seja, é capaz de sair do casulo e viver.

No que diz respeito à relação entre realidade e fantasia, vivenciada por Lucas, vale ressaltar que tudo o que ele vivenciava na realidade alimentava sua imaginação. Ao mencionar personagens clássicos, Lucas torna-se um exemplo de criança leitora (ou ouvinte) que desfruta das grandes contribuições da literatura infantil, em especial dos contos de fadas, pois as crianças se identificam com os personagens, vivenciam as aventuras, e comemoram o final feliz.

Bettelheim (1980), em *A psicanálise dos contos de fadas*, destaca as inúmeras contribuições do contato das crianças com os contos de fadas clássicos:

Quanto mais tentei entender a razão destas histórias terem tanto êxito no enriquecimento da vida interior da criança, tanto mais percebi que estes contos, num sentido bem mais profundo do que outros tipos de leitura, começam onde a criança realmente se encontra no seu ser psicológico e emocional. Falam de suas pressões internas graves de um modo que ela inconscientemente compreende e - sem menosprezar as lutas interiores mais sérias que o crescimento pressupõe - oferecem exemplos tanto de soluções temporárias quanto permanentes para dificuldades prementes. (BETTELHEIM, 1980, p. 14)

Da mesma forma, Bettelheim (1980) descreve as possibilidades de identificação conforme a realidade da criança:

Os contos de fadas mostram à criança de que modo ela pode personificar seus desejos destrutivos numa figura, obter satisfações desejadas de outra, identificar-se com uma terceira, ter ligações ideais com uma quarta, e daí para diante, como requeiram suas necessidades momentâneas. (BETTELHEIM, 1980, p. 82)

Azevedo (2012)¹, em outras palavras, também descreve claramente a possibilidade de identificação e as contribuições dos contos de fadas para com a vida das crianças:

O livro é um lugar de papel e dentro dele existe sempre uma paisagem. O leitor abre o livro, vai lendo, lendo e, quando vê, já está mergulhado na paisagem. Pensando bem, ler é como viajar para outro universo sem sair de casa. Caminhando dentro do livro, o leitor vai conhecer personagens e lugares, participar de aventuras, desvendar segredos, ficar encantado, entrar em contato com opiniões diferentes das suas, sentir medo, acreditar em sonhos, chorar, dar gargalhadas, querer fugir e, às vezes, até sentir vontade de dar um beijinho na princesa. Tudo é mentira. Ao mesmo tempo, tudo é verdade, tanto que após a viagem, que alguns chamam leitura, o leitor, se tiver sorte, pode ficar compreendendo um pouco melhor sua própria vida, as outras pessoas e as coisas do mundo. (AZEVEDO, 2012)

Paolo e Oliveira (2006), em *O universo da consciência e a personagem*, ao tratarem de *O menino que espiava pra dentro*, afirmam que:

A personagem-criança no espaço-tempo de sua consciência não mais se caracteriza pelo que faz exteriormente, mas pelo que imagina, deseja, sonha, lembra atributos de seu mundo interior; não uma coisa depois da outra, mas tudo ao mesmo tempo, nas dimensões de um espaço-tempo dinâmico e relativo. O que seria disfunção — personagens que não se definem pela esfera de ação, mas pelos atributos —, aqui, ao contrário, é função. São os atributos, as qualidades, que passam a funcionalizar as personagens numa intriga que se rarefaz em termos de acontecimentos em cadeia para ganhar uma dimensão vertical enquanto qualificação de cada instante de consciência, justapondo sensações, sentimentos e idéias. (PAOLO; OLIVEIRA, 2006, p. 35)

Em sua análise, destacam que:

Lucas tem como atributo principal e gerador de toda a narrativa a observação, mediadora entre o ver dentro e fora, entre a consciência

e a realidade. A ação transcorre num constante paralelismo entre imagens reais e imaginárias, de forma a romper a sucessividade temporal vinculada à reprodução de um passado lendário — a Bela Adormecida, bruxas, duendes, gnomos, ladrões — pela incorporação e transformação dessas imagens na simultaneidade da consciência de Lucas, que funde passado-presente numa figura que a ilustração capta. (PAOLO; OLIVEIRA, 2006, p. 36)

Bachelard (*apud* Resende 1999, p. 103) afirma que “Ao sonhar o universo, estamos sempre partindo, habitamos algures - num algures confortável. Para bem designar um mundo sonhado, é preciso marcá-lo por uma felicidade”. Dessa forma, o personagem Lucas vivenciava aventuras em mundos animados e coloridos. Os mistérios, os perigos, amigos, enfim, suas viagens, fazem com que ele se sinta um menino feliz.

De acordo com Resende (1999, p.115), “o livro *O menino que espiava pra dentro*, de Ana Maria Machado, mostra o olhar viajante, que explora planos do imaginário, que poetiza um real possível no lado de dentro (mundo interior do menino). Ver para dentro é sonhar um real multifacetado”.

Nesse sentido, ainda conforme Resende (1999, p. 116): “A realidade visitada é mágica. Ver é morar em espaços surpreendentes; é criar novas realidades com a imaginação”.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Um estudo acerca dos contos de fadas permite reconhecer a importância dos mesmos, pois são muitas as contribuições aos que ouvem ou leem as narrativas. É evidente a repercussão dos mesmos, inclusive na contemporaneidade, ou seja, os personagens clássicos permanecem vivos, mesmo com uma nova roupagem destacam-se não somente em livros, mas também em outras produções culturais.

Nota-se, na literatura infantil contemporânea, que muitas obras dialogam com as clássicas. No entanto, para que o leitor perceba a intertextualidade, torna-se fundamental que tenha conhecimento prévio dos contos clássicos.

Considerando a obra *O menino que espiava pra dentro* (Ana Maria Machado) como exemplo, observa-se a qualidade da literatura infantil contemporânea. Cabe destacar que esta obra faz parte do acervo disponível nas bibliotecas escolares públicas (através do PNBE). Portanto, cabe aos mediadores de leitura valorizar as obras destinadas às crianças e proporcionar uma ponte para que a leitura das mesmas seja realmente efetivada.

O próprio título do livro apresenta uma relação com uma das atitudes

das crianças, pois o menino espiava, era curioso. O ato de fantasiar permitia-lhe uma relação entre a realidade e o sonhar.

O fato de a personagem Lucas ver-se como o “Branco de Neve”, ou o “Belo Adormecido”, leva o leitor a pensar sobre a possibilidade de inversão de estereótipos dos contos clássicos, já que nessa obra um personagem masculino assumiu o papel de protagonista. Além do mais, na narrativa contemporânea não está presente uma fada, mas um amigo imaginário. Não será uma princesa que o despertará, mas sua própria mãe.

No momento em que o amigo imaginário pergunta a Lucas se para sempre não seria tempo demais, nota-se um questionamento em relação aos desfechos dos contos de fada clássicos, estes que apontam para um final “feliz para sempre”.

A história, ambientada num cenário contemporâneo, apresenta uma forma criativa e atraente e contribui para a formação de novos leitores, que irão se identificar com o personagem principal e vivenciarão juntos a mesma aventura. Pois, qual é a criança que não tem ou teve um amigo imaginário? Qual é a criança que não tem ou gostaria de ter um animalzinho de estimação? E por que não um menino se identificar com as personagens femininas dos contos de fadas clássicos? Vale ressaltar que, no conto contemporâneo, o final feliz também estará garantido.

REFERÊNCIAS

AZEVEDO, Ricardo. *Biografia de Ricardo Azevedo*. 2012. Disponível em: <<http://www.ricardoazevedo.com.br/ricardo-azevedo/>>. Acesso em 27 mai. 2014>.

BETTELHEIM, Bruno. *A psicanálise dos contos de fadas*. 16. ed.. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1980.

CHAMLIAN, Regina. Um papo de aranha sobre textos e leituras: a escola brasileira ensina a ‘língua da intertextualidade’? In: GREGORIN, José Nicolau. PINA, Patricia Kátia da Costa, MICHELLI, Regina Silva (orgs.). *A Literatura infantil e juvenil hoje: múltiplos olhares, diversas leituras*. Rio de Janeiro: Dialogarts, 2011.

DARNTON, Robert. Histórias que os camponeses contam: o significado de Mamãe Ganso. In: _____. *O grande massacre de gatos e outros episódios da história cultural francesa*. Tradução de Sonia Coutinho. São Paulo: Graal, 2011. p. 20- 103.

GRIMM, Jacob; GRIMM, Wilhelm. *Contos de fada: obra completa*. Trad. David Jardim Júnior Belo Horizonte- Rio de Janeiro: Itatiaia, 2000.

_____. *A bela adormecida*. Trad. David Jardim Júnior Belo Horizonte- Rio de Janeiro: Itatiaia, 2000.

_____. *Branca de Neve*. Trad. David Jardim Júnior Belo Horizonte- Rio de Janeiro: Itatiaia, 2000.

MACHADO, Ana Maria. *Como e por que ler os clássicos universais desde cedo*. Rio de Janeiro: Editora Objetiva, 2002.

_____. *O menino que espiava pra dentro*. 2. ed. São Paulo: Global, 2008.

OLMI, Alba. *Renovando a tradição pelos caminhos da intertextualidade*. Disponível em: <<https://online.unisc.br/seer/index.php/signo/article/download/435/288>>. Acesso em 20 nov. 2013.

PALO, Maria José. OLIVEIRA, Maria Rosa de. *Literatura Infantil: voz de criança*. Disponível em: <<http://pt.slideshare.net/ArianeMafra/livrosparatodosnetmariajosepaloliteraturainfantilvozdecrianca#btnPrevious>>. Acesso em 17 dez. 2013.

RESENDE, Vania Maria. *Literatura e sonho - subversão do olhar*. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/perspectiva/article/viewFile/10710/10215>>. Acesso em 17 dez. 2013.

RIBEIRO, Maria A. H. W. O Reconto dos contos da oralidade: permanências e mudanças no gênero. In: AGUIAR, Vera Teixeira. MARTHA, Alice Áurea Penteadó. (Orgs.) *Conto e Reconto: das fontes à invenção*. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2012.

SANT'ANNA, Affonso R. de. *Paródia paráfrase & Cia* São Paulo: Ática, 1937.